

Nossos irmãos, os mortos: Alfredo Nora.

Há tempos, Agripino Grieco, conhecido crítico, visitou o nosso Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo. O crítico — um dos mais argutos que possuímos — observou o estranho trabalho psicográfico de Chico Xavier, a sua personalidade sedutora e, lendo, surpreso, os versos psicografados durante a visita e assinados por dois famosos poetas falecidos — o brasileiro Augusto dos Anjos e o português Antônio Nobre — sentiu que, se os versos não eram dos autores citados, pertenciam a poetas de igual força e genialidade. Aliás, essa afirmação — porque Grieco sentiu e afirmou — foi corroborada por todos os integrantes da embaixada literária que o acompanhou a Pedro Leopoldo.

A conclusão a que chegaram os ilustres escritores faz pensar. E nos conforta em meio ao ceticismo dos indiferentes e dos queridos inimigos do Espiritismo. Sim, porque admitiram eles, os visitantes, homens esclarecidos, que se os versos não eram dos autores citados, isto é, Augusto dos Anjos e Antônio Nobre, pertenciam — repetimos para sentir o gosto dessa alegria que nos enche a alma e umedece os olhos — a poetas de igual força e genialidade. Consequentemente, — ó Deus que estais em nós a revelar-se, dia a dia, através de nossas emoções! — admitem a verdade da psicografia ou, pelo menos, aceitaram o fenômeno psicográfico.

Lembra-nos este caso idêntico episódio ocorrido em Pedro Leopoldo. Conheçamo-lo, mas, antes, venham conosco, por favor, nesse tapete mágico que é o pensamento, até a um tempo em que vivíamos e tínhamos um amigo.

Barra do Piraí, a simpática cidade fluminense, possuia um poeta que, durante toda a sua vida, procurou amparar os desprotegidos e defender os fracos. Chamava-se Alfredo Nora. Vivemos à sombra de sua bondade e sob a luz de sua inteligência durante vários anos. Gozávamos, minuto a minuto, a sua prosa colorida e suas blagues deliciosas. Identificamo-nos com a sua poesia — lírica ou satírica. Porque, conquanto fosse um poeta essencialmente lírico, possuía, sempre afiado, o estilete da sátira. E, nos seus momentos de euforia espiritual, gostava de perfilar a família em versos leves e humorísticos. E gostava, também, e muito, de escrever a amigos cartas em versos.

Certa vez, surpreendeu-nos este diálogo entre Nora e a sua esposa, D. Rosa:

— Mas, Nora! Fique certo, hein? Mamãe não vai gostar!

— Vai, sim! Mesmo velha, a mulher conserva a vaidade... E sentir-se retratada num soneto é algo agradável, não? Você não gostou, Rosa, quando a profilei?

— É mais uma prova de que você ainda está apaixonado por mim...

— Eu, hein, Rosa?

— Mas, Nora! Você fez outro perfil meu?!? Meu?!?

— Convencida! Querendo dois perfis! Retratei agora o seu pai!

— Papai?

— Sim, seu pai! Que há de extraordinário? Escute lá!

Tenho um sogro que foi feito
De encomenda para mim.
Rosado, gordo, escorreito,
Responde a tudo: “Pois sim!”

Para tudo ele tem jeito,
Do cabide ao talharim.
Não há sogro mais perfeito,
Nem o há perfeito assim.

Não sabe dar um suspiro.
Por má que a sorte lhe corra,
Vê-lo triste ninguém logra.

Mas o que mais lhe admiro
É aquela santa pachorra
Com que atura minha sogra...

Era assim Alfredo Nora. Quase toda a sua correspondência era feita em versos mais ou menos no estilo do soneto-perfil apresentado. Cursara, quando jovem, bons colégios no Rio e em São Paulo. Fora — diziam — o primeiro aluno de Erasmo Braga. Nora dominava o idioma com facilidade. Seu estilo era leve e agradável. Sob a sua pena acerada a gramática não gemia, arranhava. Mas Nora não lhe dava excessiva confiança. Belos poemas cristãos lhe saíram da alma filtrando-se pela pena. O trabalho excessivo no Seletivo da Central, em Barra do Piraí, esgotou-o. E a vibração de sua alta emotividade completou a clava destrutiva. Quando o deixamos, transferindo-nos para Belo Horizonte, já o querido Nora descia a encosta da vida. E, poucos meses depois da nossa mudança, recebíamos, resignados, a notícia de sua desencarnação. Morríamos, também, um pouco, com ele, quanto nos sentíssemos ressurgir à certeza de que Nora vivia, agora, espiritualmente a nosso lado, amparando-nos e inspirando-nos.

Certo dia, braços amigos nos envolveram na avenida:

— Você já sabe que o Alfredo Nora acaba de mandar-nos uma mensagem pelo Chico Xavier? Hein? Dois sonetos setíssilabos maravilhosos pela construção e riqueza de rimas como pela lição que representam! Você já sabe? Fale, homem!

Não sabíamos nem podíamos falar: víamos, trêmulas, as árvores da rua, através das lentes embaciadas pelos pingos oblíquos da chuva.

Sob a chuva fina e oblíqua, limpei as lentes dos óculos e procurei, no burburinho da rua, a figura esguia do meu amigo: engulira-o, já, a boca da multidão. Parei, entristecido, sob um toldo de lona gotejante.

Nora residia à margem do rio Paraíba, que atravessa a cidade de Barra do Piraí. Mesmo dentro de casa, ouvia, dia e noite, o marulho das vagas inquietas. E, numa noite, aquele marulho

monótono inspirou-lhe este poema:

Em noites de luar, o velho Paraíba,
Arregaçando o véu nas pontas das agulhas
Ocultas de granito, em franjas de borbulhas,
Estranho madrigal vai gungunando à riba...

E eu me debruço a ouvir as coisas misteriosas
Que ele segreda à noite às ribas silenciosas...
Mas não revelarei o que ele diz: só poetas
Podem ouvir do rio as confissões secretas...

Mandou-mo. E, no “post-scriptum” do seu clássico bilheteinho em versos, me explicava: “Naturalmente, meu caro Jorge, você estranhou aquele verbo gungunar, não foi? Este verbo deriva de um dialeto africano. Em português, não tem sinônimo exato. A significação está entre vozear, resmungar e murmurar, mas é diferente. Gungunar é falar de modo a ser entendido pela pessoa a quem a gente se dirige e que os outros, embora ouvindo a voz, não possam distinguir as palavras. Não é o mesmo que segredar: o rio segreda, gungunando; gunguna, para segredar.”

Respondi-lhe, tentando fazer humorismo:

Meu caro Nora.
Ora direis... ouvir os rios... Certo perdeste o senso... Mas o que
não vês, ou não ouves, é que em seu destino incerto, os rios nunca
aprendem português...

Ah, meu Alfredo Nora! Guardei, na memória e no coração,
aqueles versos que você, numa hora de angústia, escrevera e me
mandara junto deste bilhete de que jamais esqueci:

Aí vai, Jorge Azevedo,
Esta poesia que o medo
De morrer me gungunou...
Mas esse medo não tira
A certeza da mentira
Que esta vida me pregou...

A chuva, agora, descia do azul irizada pelas réstias luminosas de um sol outonal. Sob o toldo, contemplava a multidão vária e inquieta como as vagas gungunantes do Paraíba. Ah, e o poema?

É melhor não pensar, amigos; quando eu penso
No que já foi, no que há de ser de nós,
Pergunto onde estará o oceano imenso
Em que o rio do Tempo tem a foz...
Vamos fazer o Bem, gozar serenamente
A vida — tão pequena! — entre o Belo atingível,
E deixemos a Deus o abismo incognoscível
Do Princípio e do Fim, da cinza e da semente...

Mas a voz insistente me ficava no ouvido:

— Você já sabe que o Alfredo Nora acaba de mandar-nos
uma mensagem pelo Chico Xavier? Hein? Hein? Hein?

E qual não foi minha surpresa quando, naquele mesmo dia, a voz de Sebastião Lasneaux, velho amigo de Barra do Piraí, me trouxe a novidade:

— Veja você, Jorge Azevedo: o Nora não se emendou! Continua escrevendo bilhetes em versos...

E estendeu-me alguns papéis impressos, contando-me o episódio sem os detalhes que, no mesmo momento, criei, para compor a cena maravilhosa que minha imaginação desejava: Chico Xavier virou-se para Lasneaux e, calmamente, lhe disse:

— Chegou aqui um cavalheiro que lhe deseja falar!

— Aqui, Chico? Ah, sim... E como se chama ele?

— Espere. Está me dizendo, Lasneaux, que se chamava Alfredo.

— Alfredo, Alfredo... Ah, conheci, realmente, há tempos, um Alfredo... Mas talvez não seja esse em quem estou pensando... Por favor: pergunte-lhe o nome inteiro.

— Diz que é da sua terra, Barra do Piraí. Alfredo Nora.

— Ah, conheço! Naturalmente, vai me entregar, agora, algum bilhete em versos...

— Ele está me dizendo que trouxe três sonetos para você. Antes, porém, está agora meio triste, hein!

— Vai lhe entregar, respondendo a sua irônica piada, um bilhetinho em versos...

Meu Lasneaux. Não é bilhete,
Não é ofício, nem ata.
É o coração que desata
Meus pesares num lembrete.

— Você não acha que é ele mesmo?

— Eu não acho, não, Lasneaux. Eu o sinto... E os sonetos?

— Ei-los. Leia-os alto...

E li os sonetos que o meu Alfredo Nora havia escrito... onde? Olhei, antes, o céu azul: nenhuma nuvem perturbava o esplendor azulíneo. Senti Deus naquela harmonia inconsútil de azul. Pedi, naquele instante, ao meu amigo Nora minúscula partícula da pureza daquele azul para minha alma. E, feliz, li:

Lasneaux, amigo, esta choça
Onde a carne, breve, passa,
Cheia de lama e fumaça
É minúscula palhoça.

A terra, ante o sol da graça,
É feio talhão de roça,
Detendo por balda nossa,
Descrença, guerra, cachaça.

Agora é que entendo isso,
Mas é triste a fé sem viço
Que o sepulcro impõe à pressa...

Espere sem alvoroço:
Além da prisão de osso
A vida real começa.

Ó, meu caro, se eu pudesse
Dizer tudo o que não disse,
Sem a velha esquisitice
Que inda agora me entontece!

Entretanto, é clara a messe
Da sementeira de asnice.
Perdi tempo em maluquice
E o tempo me desconhece.

É natural que padeça
A minha pobre cabeça
Perante a luz face a face.

Não me olvide em sua prece.
Deseje que a luta cesse,
Que a coisa melhore e... passe.

Sujeito que clama e berra
Contra a vida a que se agarra,
Vive em perene algazarra
Colado aos brejais da terra.

Do raciocínio faz garra
Com que à verdade faz guerra,
Na desdita em que se aferra,
Na ilusão em que se amarra.

De mente sempre na birra,
Ouve a ambição que lhe acirra
A paixão que o liga à burra.

Mas a luz divina jorra
E a vida ganha a desforra
Na morte que o pega e surra.

Quando reli estes sonetos, à noite, no silêncio do meu escritório, senti a impressão de ouvir, longe, vindo através da imensidão noturna, o marulho surdo das vagas do Paraíba. E, através do rumor longínquo, a sua voz, meu querido Alfredo Nora, gungunando aos meus ouvidos:

Mas esse medo não tira
A certeza da mentira
Que esta vida me pregou...

Nem a mim tampouco.

Jorge Azevedo